

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

Nº 13 - 2021



Recensão a *Debates on Stalinism*, de Mark Edele

Rita Lucas Narra

Práticas da História, n.º 13 (2021): 257-267

www.praticasdahistoria.pt

Mark Edele

Debates on Stalinism

Manchester: Manchester University Press,

2020, 312 pp.

Rita Lucas Narra*

O anátema que paira transversalmente sobre a figura de Estaline e o período do seu governo (1928-1953) manifesta-se também na trajetória atribulada que os debates em seu torno conheceram no campo da historiografia. Tema prolífero a desvelar as brechas no enunciado de objectividade científica sobre o qual a disciplina se construiu, a virulência dos debates historiográficos em torno do estalinismo emulou, menos que mitigou, a agressividade dos combates políticos do século vinte.

Mark Edele voluntaria-se para mapear os grandes debates que têm protagonizado os estudos sobre o estalinismo, sublinhando o seu carácter *transnacional* e franqueando a porta a dois grupos privilegiados de leitores: a estudantes avançados de história russa, soviética, europeia e mundial, e ao público interessado, de modo genérico, em temas relativos à história.

No sentido de interpelar este conjunto de debates, Edele opta por uma estrutura que desdobra a obra em três partes: *Bibliography and historiography*, *Cold War debates* e *Contemporary debates*. A cada uma destas partes parece corresponder uma estratégia de interpelação dife-

* Rita Lucas Narra (ritalucnarra@gmail.com), IHC-NOVA-FCSH, Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Avenida de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa. Texto original: 07-12-2021. Versão revista: 12-12-2021. Aceite: 13-12-2021.

rente: se na primeira parte é privilegiado o ângulo biográfico, introduzindo os debates em torno da escrita sobre estalinismo por via das narrativas biográficas de alguns dos seus protagonistas (historiadores), na segunda encontramos uma abordagem cronológica, que vai destacando obras, autores e tendências de forma diacrónica; e, por fim, na terceira parte, usa-se como janela de observação as reminiscências e recuperações destes debates nos dias de hoje, focando em particular a memória da Segunda Guerra Mundial na Rússia e a grande fome de Holodomor.

A ambição do projecto de Mark Edele é evidente, quer no objecto de estudo que elege, quer no tipo de exercício a que se propõe. Fazer a história de um qualquer campo de estudos exige fôlego, acrescentando em dificuldade quando as fronteiras entre historiografia, ideologia e política são tão porosas. Todavia, o currículo de Edele apresenta envergadura para a tarefa: com extensa obra publicada em torno da União Soviética, especializado em particular no período da Segunda Guerra Mundial,¹ é docente na Universidade de Melbourne e colabora regularmente com autores como Sheila Fitzpatrick.²

A introdução aos “grandes debates e às contribuições dos grandes historiadores durante e após a Guerra Fria” (contracapa) chega-nos assim através de uma extensa cobertura bibliográfica e temática, ilustrada pela abundância de subsecções e tópicos que povoam densamente cada capítulo. Oscilando entre o introdutório e o especializado, Mark Edele vai compondo um quadro alargado de referências sobre a historiografia do estalinismo, sem todavia adoptar o estilo narrativo da sebenta – ao invés, há uma voz autoral que não se erode, que comenta e participa dos debates, e que serve de guia aos muitos autores, obras e temas que vão sendo incessantemente invocados, recuperados e articulados.

1 Mark Edele, *Stalinist Society: 1928-1953*, Illustrated edição (Oxford: Oxford University Press, 2011); Mark Edele, *Stalin's Defectors: How Red Army Soldiers became Hitler's Collaborators, 1941-1945* (Oxford: Oxford University Press, 2017); Mark Edele, *The Soviet Union: A Short History* (Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2018).

2 Mark Edele e Michael Geyer, “States of Exception. The Nazi-Soviet War as a System of Violence, 1939–1945”, in *Beyond Totalitarianism. Stalinism and Nazism Compared*, ed. Michael Geyer e Sheila Fitzpatrick (Cambridge: Cambridge University Press), 345–95. Atina Grossmann, Mark Edele, e Sheila Fitzpatrick, eds., *Shelter from the Holocaust: Rethinking Jewish Survival in the Soviet Union* (Detroit: Wayne State University Press, 2017).

Avaliando globalmente a obra, Edele concretiza muitos dos objetivos a que se propõe. O autor é de uma eficácia aguda a demonstrar os entrelaçamentos entre política e historiografia, e o modo como pavimentam a genealogia dos estudos do estalinismo; a destacar a importância que os dissidentes marxistas do estalinismo têm na produção historiográfica sobre o período (por norma agregados em torno da denominação de grupo “revisionistas”); a ilustrar a ubiquidade do conceito de “totalitarismo” nos estudos sobre estalinismo, seu pano-de-fundo ininterrupto; a evidenciar que, não obstante as dinâmicas particulares do campo, os estudos do estalinismo acompanham também as tendências gerais da historiografia – animam-se e inflamam-se com as propostas da história social a partir da década de 1960, encontram-se com Foucault ao cair do pano secular (cf. capítulo 7, “After Revisionism”). Em linhas gerais, emerge-se da leitura de *Debates on Stalinism* com informação que permite recortar as principais dinâmicas e debates que animaram o campo, identificar de forma vaga os períodos em que eles aconteceram e reconhecer os nomes de alguns dos seus protagonistas. Neste sentido, pode afirmar-se que o grande propósito de Edele – providenciar uma visão de conjunto – foi alcançado.

No entanto, a obra apresenta também alguns problemas, com epicentro sobretudo na primeira parte, o que acaba por influenciar a leitura global da obra. Esta primeira parte, *Bibliography and historiography*, é formada por quatro capítulos. O primeiro, “A ‘withering crossfire’: debating Stalinism in the Cold War”, é uma exposição do aceso debate que teve lugar nas páginas da revista *The Russia Review* em 1986-1987, fazendo dele o ponto de partida do nosso périplo pelos estudos do estalinismo. É seguido por três capítulos, cada um apresentando a biografia de um/a historiador/a. Na óptica de Edele, os três representam uma determinada escola, ou sensibilidade, na historiografia do estalinismo: Moshe Lewin (revisionismo), Richard Pipes (totalitarismo) e Sheila Fitzpatrick (revisionismo, “segunda vaga”).

Tendo elegido como um dos objetivos principais de *Debates on Stalinism* demonstrar, como se menciona na contracapa, “as complexidades dos debates historiográficos, onde indícios, políticas, personalida-

de e biografia se encontram fortemente entrelaçados”, não surpreende que Edele tenha escolhido o debate de 1986-87 para a abertura. Catalisado pela publicação do artigo de Sheila Fitzpatrick, “New Perspectives on Stalinism”,³ a polémica em seu torno assumiu particular intensidade, dado que as propostas de Fitzpatrick – enunciados de uma “nova” história social, ambicionando remover o Estado de um lugar central da análise para evidenciar que “nenhum regime político, nem mesmo o de Estaline, funciona num vácuo social”⁴ – granjearam desagradar aos dois pólos do espectro historiográfico (na esfera ocidental, entenda-se). Ao eleger parcialmente como alvo o “modelo totalitário”⁵ irritou os seus proponentes, que a acusaram mesmo de menosprezar os horrores do estalinismo; e, ao não reconhecer, para a sua “nova” história social, as influências e os predecessores da “velha” história social, irritou os “revisionistas”.⁶ À semelhança do que vinha fazendo em publicações anteriores, o posicionamento de Fitzpatrick assumia-se, para usar as suas palavras, como “uma praga em todas (...) as casas”.⁷

Para quem não tem um conhecimento iniciático sobre as escolas e os modelos que informaram os estudos sobre estalinismo, todavia, os problemas começam aqui. Sem uma exposição sumária dos debates historiográficos em torno de categorias-base como “totalitarismo”, e sem uma caracterização substancial do que distinguia a “velha” da “nova” história social, geram-se lacunas que ditam doravante um ritmo obstruído à leitura – descrevendo um movimento de vai-e-vem ininterrupto, à medida que se avança na obra, no sentido de as colmatar. Observando o conteúdo dos capítulos e reflectindo sobre a sua ordenação, talvez fosse possível evitar esta falta de clareza, caso o capítulo 6 – “Totalitarianism and revisionismo”, onde encontramos por fim uma genealogia do conceito de “totalitarismo” e a caracterização das duas correntes historiográficas – fizesse uma aparição mais precoce.

3 Sheila Fitzpatrick, “New Perspectives on Stalinism”, *The Russian Review* 45, no. 4 (1986): 357–73.

4 Mark Edele, *Debates on Stalinism* (Manchester: Manchester University Press, 2020), 13.

5 Edele, *Debates*, 14.

6 Edele, *Debates*, 15.

7 Como citado em Edele, *Debates*, 91.

Seguem-se as biografias. O estilo biográfico que enforma estes três capítulos parece servir (também? sobretudo?) o propósito de ilustrar as três correntes que comumente se recortam na historiografia do estalinismo, dado que cada autor é apresentado como a figura de proa do seu respectivo entorno académico. O capítulo 2, “Marxism-Leninism and the origins of Stalinism”, acompanha a vida de Moshe Lewin, historiador destacado do grupo “revisionista”, associado à crítica académica de esquerda do estalinismo. O capítulo 3, “The Russian origins of totalitarianism: empire and nation”, gravita em torno de Richard Pipes, figura maior da corrente “totalitária” e, conseqüentemente, a *bête-noire* dos historiadores sociais,⁸ a quem é atribuída com frequência (e equivocadamente) a criação da expressão “evil empire”.⁹ E o capítulo 4, “Un-revisionist revisionism”, é dedicado a Sheila Fitzpatrick, a “revisionista anti-marxista”¹⁰ que ensaiou construir uma abordagem equidistante e alternativa face às duas correntes supracitadas.

A biografia como forma historiográfica tem também o seu lastro de discórdia, particularmente fustigada pelas ondas de choque da crítica ao “individualismo metodológico”. Mesmo junto dos seus detractores, todavia, há um reconhecimento das suas potencialidades, se o afunilar numa vida singular não for sinónimo de “individualizar” processos e temas: apontamentos biográficos podem constituir-se em veículos para a discussão de temas mais latos, que ultrapassam a/o biografada/o, caso de algumas biografias intelectuais ou políticas (que, no limite, podem mesmo ser consideradas “falsas biografias”). As biografias também podem ser colectivas, subgénero que tem sido particularmente usado para representar escolas de pensamento, movimentos artísticos e/ou intelectuais, e assim por diante.

O uso particular que Edele faz do género biográfico na primeira parte de *Debates on Stalinism*, no entanto, aproxima-se de um gesto de “individualização”. Ainda que com alguns pontos de interesse –

8 Edele, *Debates*, 62.

9 Edele, *Debates*, 67.

10 Edele, *Debates*, 25.

como evidenciar a dissonância das narrativas de vida de Moshe Lewin e Richard Pipes, ambos judeus polacos que escapam *in extremis* ao Holocausto e acabam em pólos opostos, política e historiograficamente, da academia estadunidense – esta abordagem apresenta, no meu entender, dois aspectos questionáveis. O primeiro aspecto relaciona-se, justamente, com o que me parece ter sido uma oportunidade perdida de fazer um retrato colectivo – se quisermos até, uma biografia colectiva intelectual – destas correntes (percepcionadas como) distintas. Para densificar o entendimento dos debates que protagonizaram os estudos do estalinismo, uma abordagem norteada pelas teses historiográficas partilhadas e matizadas por cada corrente – e a forma como são contestadas por outras sensibilidades – talvez fosse um gesto mais prolífero do que tomar como referente os factos singulares da biografia de cada autor. A título de exemplo, Edele poderia ter analisado o grupo dos «revisionistas» no seu conjunto, tomando a sua tese historiográfica nuclear como ponto de partida – que diferentes argumentos têm sido avançados para a dissociação entre estalinismo e bolchevismo/leninismo/comunismo? Que variações e nuances conhecem estes argumentos, em diferentes obras e autores? Do mesmo modo que, seguindo o repto, poderia ter feito uma caracterização colectiva do “modelo totalitário”, mapeando a forma como os seus proponentes justificam o entrelaçamento entre estalinismo e comunismo, fazendo do primeiro o desfecho lógico, e inevitável, do primeiro. Um dos grandes debates na historiografia do estalinismo é motivo recorrente ao longo do texto, mas acaba por não ser desenvolvido em profundidade, recebendo o leitor, mais do que o traçado argumentativo, as conclusões de uma e outra corrente.

O segundo aspecto que merece destaque negativo é de natureza diferente. Ao extravasar o âmbito da discordância historiográfica, remete-nos para alguns comentários que o autor vai tecendo ao longo do relato biográfico – e para os quais não se vislumbra qualquer utilidade em matéria historiográfica. Quando Edele observa a passagem de Sheila Fitzpatrick por Oxford, a título de exemplo, compreende-se que a inexistência de historiadores da União Soviética na universidade seja um apontamento relevante para compreender a originalidade das suas

propostas futuras; já a nota de que, à época, “a sua vida amorosa era caótica, para dizer o mínimo”¹¹ é, na melhor das hipóteses, insólita. Do mesmo modo, evidenciar a produtividade de Richard Pipes ao longo do seu percurso é um exercício legítimo no momento de traçar a sua ascensão acadêmica; imputar essa produtividade, todavia, à sua “estável vida doméstica”, atendendo a que Pipes “era bem casado, nunca se tinha divorciado e vivia numa família com papéis de gênero nitidamente delineados”,¹² é uma extrapolação desconcertante, mas sobretudo desnecessária.

Cotejando a primeira parte do livro com as problemáticas enunciadas na contracapa, fica-se com a sensação de que a obra talvez ganhasse em interesse se Edele tivesse dado dignidade de capítulo a algumas dessas questões: “Formou o ‘Estalinismo’ um sistema de direito próprio ou ele foi apenas uma mera etapa no desenvolvimento global da sociedade soviética? Foi uma aberração do Leninismo ou a conclusão lógica do Marxismo? A sua violência constituiu uma vingança pelo passado russo ou foi o resultado de uma lógica revolucionária? O Estalinismo foi obra de um homem louco ou produto de forças sociais para além do seu controlo? Podia ter sido evitado? Podia a guerra ter sido vencida sem ele?” Com efeito, este conjunto de questões são afloradas ao longo do texto, mas a sua aparição é sincopada e fragmentária, o que acaba por mutilar a sua compreensão. O gesto, por vezes, parece ser o de inventariar, em detrimento de uma exposição mais densa de cada problemática ou debate – prática que encontramos sobretudo nas duas primeiras partes, na segunda mais mitigada do que na primeira, contrastando com uma terceira parte onde encontramos maior clareza e substância (justamente, a parte onde os dois capítulos que a compõem correspondem a um debate temático particular). Comparando com outros capítulos, que se constroem sobre uma sucessão rápida de referências (autores, obras, debates) que Edele vai comentando, o capítulo sobre Holodomor, por exemplo, inicia-se com a exposição das

11 Edele, *Debates*, 93.

12 Edele, *Debates*, 66.

três grandes teses que orientam (e disputam) a investigação – a fome como calamidade não intencional, a fome como genocídio orquestrado, a fome como arma intencional da luta de classes – partindo daí para a análise crítica de cada uma. Outros temas, no meu entender, poderiam ter recebido a mesma atenção, como o debate em torno da inteligibilidade e adequação de categorias como “Red imperialismo” ou “Red colonialismo”, que surge pontualmente no texto.

A dispersão temática que caracteriza uma parte substancial da obra dificulta também o exercício de destacar alguns dos posicionamentos historiográficos que Edele assume, de certa forma tragados por este estilo *en passant*. Uma das teses a que Edele volta repetidamente é a de que existe um “mito equivocado”¹³ em torno dos estudos sobre estalinismo, relatando a sua história através de uma “narrativa de sucessão geracional”, que descreve um “movimento histórico ascendente, das trevas do totalitarismo à luz da revisão.”¹⁴ Edele vai corroendo esta narrativa, ao evidenciar, entre outros aspectos, que os próprios “revisionistas” usavam o conceito de totalitarismo para caracterizar o período estalinista até à década de 1980, e que estas diferentes abordagens coexistem, mais do que se sucedem, tomando como referência o caso do historiador Geoffrey Hosking que, sendo da geração de Fitzpatrick, é proponente do modelo “totalitário” e confunde estas divisões ao fazer uma “história socio-política de uma sociedade totalitária”.¹⁵ Sendo esta uma tese cara a Edele, e que introduz notas relevantes para pensar a historiografia do estalinismo no seu conjunto, talvez merecesse maior agregação e centralidade no conjunto da obra.

Não obstante algumas debilidades, *Debates on Stalinism* é uma obra competente na introdução aos debates que marcaram a historiografia do estalinismo. Beneficia de uma segunda leitura.

13 Edele, *Debates*, 26.

14 Edele, *Debates*, 162.

15 Edele, *Debates*, 164.

BIBLIOGRAFIA

- Edele, Mark. *Stalinist Society: 1928-1953*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- . *Stalin's Defectors: How Red Army Soldiers became Hitler's Collaborators, 1941-1945*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- . *The Soviet Union: A Short History*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2018.
- Edele, Mark e Michael Geyer. "States of Exception. The Nazi-Soviet War as a System of Violence, 1939–1945". In *Beyond Totalitarianism. Stalinism and Nazism Compared*, editado por Michael Geyer e Sheila Fitzpatrick, 345–95. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- Fitzpatrick, Sheila. "New Perspectives on Stalinism". *The Russian Review* 45, no. 4 (1986): 357–73. <https://doi.org/10.2307/130466>.
- Grossmann, Atina, Mark Edele, e Sheila Fitzpatrick, eds. *Shelter from the Holocaust: Rethinking Jewish Survival in the Soviet Union*. Detroit: Wayne State University Press, 2017.

Referência para citação:

Narra, Rita Lucas. "Recensão a *Debates on Stalinism* de Mark Edele". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 13 (2021): 257-267.